

APRENDIZAGEM ESCOLAR: A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS

SCHOOL LEARNING: PARENT'S ASSISTANCE

ALEXANDRE JOSÉ FERREIRA^{1*}, JHAINIEIRY CORDEIRO FAMELLI FERRET²

1. Discente do Curso de graduação em Psicologia da Faculdade Uningá; 2. Professora, Mestre pela UEM. Universidade Estadual de Maringá, Docente do curso de graduação em Psicologia da Faculdade Uningá.

* Rua Amazonas, 317, Vila Olívia, Astorga, Paraná, Brasil. CEP 86730-000 psyq.alexandre@gmail.com

Recebido em 10/05/2015. Aceito para publicação em 11/07/2015

RESUMO

Devido ao grande número de crianças com problemas relacionados ao fracasso escolar, cientistas e educadores têm se mostrado interessados em explorar o assunto educação e a participação da família no processo educacional. Pesquisas também apontam a importância da participação dos pais nas atividades escolares, uma vez que as transformações histórico-sociais exigem que a família não siga mais o padrão de família tradicional em relação a educação dos seus filhos. Diante disso, o presente trabalho teve como objetivo identificar como os pais, na contemporaneidade, tem realizado o acompanhamento escolar de seus filhos que cursam o ensino fundamental. Para atingir os objetivos deste trabalho, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, discorrendo sobre o papel dos pais no processo de escolarização dos filhos e descrevendo sobre o tipo de relação existente entre família e escola na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem, participações dos pais, desenvolvimento humano.

ABSTRACT

Due to the large number of children with problems related to school failure, scientist and educators have been interested in exploring about education and family involvement in the educational process. Surveys also point out the importance of parent's assistance in school activities, since the historical and social transformations require that the family did not follow the traditional family pattern, in the upbringing of their children. Therefore, this study aimed to identify how parents, in contemporary times, have made the school attendance of their children who attend primary school. To achieve the objectives of this study, it was used bibliographic research, which discusses about role of parents in children's schooling

process and describing about the type of relationship between family and school nowadays.

KEYWORDS: Learning, parent's assistance, human development.

1. INTRODUÇÃO

A escola não pode ser a única responsável pela educação do aluno. A participação da família na vida escolar é fundamental no processo educacional, sendo assim, as duas instituições (familiar e escolar) completam uma a outra. Por isso, nas últimas décadas, estudiosos exploraram o assunto educação e apontam intensamente o quanto se faz necessária e importante a participação da família no processo educacional. Dentre eles, Maimoni & Bortone (2001)¹, destacam a importância da participação dos pais nas atividades escolares como: acompanhar as tarefas e trabalhos escolares de seus filhos e estabelecer horários para os estudos; acompanhar o desenvolvimento e o rendimento escolar de seus filhos na escola; participar das atividades programadas pela escola de seus filhos, como as esportivas e extracurriculares; estabelecer reforços positivos no que diz respeito aos avanços da aprendizagem dos filhos, entre outros.

Segundo Tiba (2002)², a sociedade contemporânea reflete problemas educacionais decorrentes de todas as transformações histórico-sociais, pois a família não segue mais o padrão tradicional, nem prepara mais seus filhos para a educação escolar. Os pais, por trabalharem fora, em sua grande maioria, não conciliam suas funções profissionais com as familiares.

Tiba (2002)² aponta a importância de a família proporcionar carinho e atenção à criança, assegurando-lhe no seio familiar um ambiente agradável para resolver seus deveres escolares de maneira satisfatória.

O presente trabalho teve como objetivo identificar como os pais, na contemporaneidade, tem realizado o acompanhamento escolar de seus filhos que cursam o

ensino fundamental. Para isso, buscou-se discorrer sobre o papel dos pais no processo de escolarização dos filhos, descrevendo sobre o tipo de relação existente entre família e escola na contemporaneidade. Para atingir os objetivos deste trabalho, utilizou-se a pesquisa bibliográfica.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica qualitativa. Com isso, foram reunidas várias informações científicas que possibilitaram demonstrar através dessa pesquisa o quanto se faz necessário o acompanhamento dos pais, integrado com a escola. Esta participação de ambos, é primordial para o desenvolvimento das competências física e intelectual da criança. Deste modo, a seleção de conteúdo deu-se a partir do material já publicado em livros, artigos, e teses de doutorados. Portanto, a seleção do material partiu de material referente à aprendizagem, a participação dos pais, e desenvolvimento humano.

3. DESENVOLVIMENTO

Ao termo educação associam-se significados diversos, entre eles, transmissão de cultura e valores determinados pela sociedade e pela época, que são repassados de geração a geração. Ariés (2006)³, se refere a educação como sendo o desenvolvimento das capacidades físicas e intelectuais. Assim, não se concebe mais o entendimento de que apenas a família ou somente a escola sejam responsáveis pela educação pessoal. De acordo com Ariés (2006)³, a família tem papel essencial no desenvolvimento da criança, uma vez que é onde ela terá o primeiro contato com hábitos e valores de uma sociedade.

Estamos longe, como vemos, dos manuais de civilidade tradicionais, pois não se trata mais de registrar os hábitos dos alunos para as crianças ou outros adultos ignorantes, e sim de instruir a própria família sobre seus deveres e suas responsabilidades, e de aconselhá-la em sua conduta com relação às crianças (Ariés, 2006, p. 28)³.

O autor também ressalta que desde o momento em que a criança faz parte de uma família, ela já está em contato com o aprendizado, pois, absorverá os hábitos e valores deste grupo. Deste modo, os pais devem ser instruídos para melhor promover o desenvolvimento dos filhos, que são capazes de reproduzir a cultura de seus familiares (principalmente dos pais), ou seja, a criança passa por um processo de repetição dos hábitos da família.

No decorrer da história, a figura da criança e seu papel na sociedade, passaram por diversas transformações de valores. Nos estudos sobre a história social da criança e da família, em Ariés (2006)³, fica evidente que as concepções sobre as fases da vida do ser humano – infância, adolescência e vida adulta – foram modificadas durante

toda a história da humanidade. No início, a criança era concebida como um adulto em miniatura, já hoje, ela é vista como um ser dotado de necessidades e limitações.

Ariés (2006)³, ressalta que em decorrência dessas transformações, a família também exerceu funções diferentes em cada época com relação ao desenvolvimento da criança. Na Idade Média, a família era a única responsável pela aprendizagem da criança, ensinando-a um ofício para tem como profissão quando adulta. Nesse período, a partir dos sete anos de idade, a criança era entregue a outra família a fim de exercer função doméstica. Tal atitude era vista como “educar para a vida”.

O serviço doméstico se confundia com a aprendizagem, como uma forma muito comum de educação. A criança aprendia pela prática, e essa prática não parava nos limites de uma profissão, ainda mais porque na época não havia (e por muito tempo não houve) limites entre a profissão e a vida particular; a participação na vida profissional - expressa bastante anacrônica, aliás, acarretava a participação na vida privada, com a qual se confundia aquela. Era através do serviço doméstico que o mestre transmitia a uma criança, não ao seu filho, ao filho de outro homem, a bagagem de conhecimento, a experiência prática e o valor humano que pudesse possuir (Ariés, 2006, p. 218)³.

No início da Idade Moderna, surgiram as primeiras instituições educacionais. Porém a criança continuava a viver afastada da família, por morar nessas instituições. Os pais visitavam seus filhos e os recebiam em casa, durante as férias. Com o tempo, ficou mais acessível o encontro entre pais e filhos, devido ao aumento do número de escolas e sua proximidade, Ariés (2006)³.

Como afirma Ariés (2006)³ o atual sistema de educação é um reflexo dos modelos existentes na história da humanidade e das diversas concepções de educação dos filhos. Entretanto, essas mudanças trouxeram reflexões e ações que nem sempre ficaram completamente claras. Assim, a escola atual executa funções que cabiam aos educadores. Sabe-se, porém que a responsabilidade da família com a criança deve ser sempre prioridade em todos os sentidos.

Nas últimas décadas, estudiosos exploraram o assunto e apontam intensamente o quanto se faz necessário e importante a participação da família no processo educacional. Dentre eles, Maimoni & Bortone (2001)¹ destacam a importância da participação dos pais nas atividades escolares como:

- acompanhar as tarefas e trabalhos escolares de seus filhos e estabelecer horários para os estudos;
- acompanhar o desenvolvimento e o rendimento escolar de seus filhos na escola;
- participar das atividades programadas pela escola de seus filhos, como as esportivas e extracurriculares;
- estabelecer reforços positivos no que diz respeito aos avanços da aprendizagem dos filhos, entre outros.

Tiba (2002)², aponta a importância de a família proporcionar carinho e atenção à criança, assegurando

do-lhe no seio familiar um ambiente agradável para resolver seus deveres escolares de maneira satisfatória.

A sociedade contemporânea reflete problemas educacionais decorrentes de todas as transformações histórico-sociais, pois a família não segue mais o padrão tradicional, nem prepara mais seus filhos para a educação escolar. Os pais, por trabalharem fora, em sua grande maioria, não conciliam suas funções profissionais com as familiares. A primeira função da família, que sempre foi e sempre será a proteção, não é exercida com seriedade e compromisso, bem como a preparação para a vida fora do ambiente familiar. Isso acarreta transtorno aos filhos, uma vez que a sociedade é desafiadora, principalmente para quem não está preparado para enfrentá-la Tiba (2002)².

Tiba (2002)² ainda acentua que tantas modificações geram, entre escola e família, controvérsias quanto a quem cabe educar o indivíduo. A escola culpa a família pela ausência nas reuniões pedagógicas, por não acompanhar a vida escolar dos filhos, pela falta de limites e respeito das crianças, enquanto a família culpa a escola por não compreender a vida particular e as dificuldades de cada um. Tais divergências geram alta taxa de repetência e o fracasso escolar das crianças.

Assim, Ariés (2006, p.246)³ esclarece que “não se trata mais de registrar os hábitos dos adultos para as crianças [...] e sim de instruir a própria família sobre seus deveres e suas responsabilidades”. Destacando assim que se faz necessário a interação entre família e escola a fim de suprir toda e qualquer necessidade que a criança apresente.

Apenas no século XIX e início do século XX, essa preocupação com a criança tomou proporções maiores, principalmente no que tange à educação. Esta era feita de forma violenta, por meio de castigos “como palmatória, ajoelhar no milho, espancamentos violentos e quartos escuros” (Rappaport, 1982, p. 02)⁴.

No século XX, as crianças passaram a ter um lugar também na ciência, quando teóricos como Freud, Binet e Piaget passaram a estudar a criança, seus processos psíquicos e o seu desenvolvimento. Principalmente Freud, que analisou como o desenvolvimento infantil afeta a “estruturação da personalidade” e determina “o curso do seu desenvolvimento futuro no sentido da saúde mental e da adaptação social adequada ou da patologia” (Rappaport, 1982, p. 02)⁴.

Com base nisso, a psicologia do desenvolvimento, através de seus estudos, vem buscando explicar como se dá o comportamento infantil através da observação dos fenômenos e da explicação de como estes fenômenos acontecem e que fatores levam a estes acontecimentos, Rappaport (1982)⁴.

A Psicologia Infantil pretende descrever e explicar o processo de desenvolvimento da personalidade em termos de como e por que aparecem certos comportamentos. Busca, portanto, conhecer os processos internos que direcionam o com-

portamento infantil (Rappaport, 1982, p. 03)⁵.

Rappaport (1982)⁵, frisa que desde quando a criança nasce ela passa por vários períodos, como a fase oral, anal, etc. São períodos sexuais e afetivos. Sendo que o complexo de Édipo revela sua importância como fenômeno principal do período sexual na primeira infância. Nestas etapas do desenvolvimento, são vivenciados sentimentos ambivalentes de amor e ódio com os pais, sendo esta relação de suma importância para estrutura da personalidade.

Para a teoria psicanalítica, preocupada com o agressivo desenvolvimento das relações objetais, isto é, com o desenvolvimento emocional. Este é o período em que, reprimidos pela transposição do complexo de Édipo, os instintos sexuais permanecem dormentes, emprestando sua energia ao pensamento e à socialização genital (Rappaport, 1982, p. 01)⁵.

Para Rappaport (1982)⁵, a criança adentra o mundo escolar por volta 6-7 anos. Esta fase, para a psicanálise, é correspondente ao período de latência. Portanto há uma repressão do id, as pulsões que aparecem estar imóvel e as retribuições são encaminhadas para atividades inovadoras. Neste estágio, vê-se o interesse das crianças voltado para outros afazeres como esporte, escola e a socialização.

Durante as etapas anteriores de desenvolvimento, a fantasia infantil estava sempre centralizada a uma dimensão erótica ou libidinal específica, a qual servia de fonte energética, ou seja, de impulso para que as correspondentes conquistas cognitivas e afetivo-sociais se realizassem (Rappaport, 1982, p. 03)⁵.

Portanto, para Rappaport (1982)⁵, nesta etapa os professores assumem emprestados os papéis equivalentes aos pais. Assim, a criança, ao viver no contexto escolar, poderá vivenciar seus conflitos inconscientes que foram mal resolvidos e vivenciados com os pais. Ou seja, na primeira infância, tudo o que o aparelho psíquico reprimiu no complexo de Édipo podem vir a ser projetados e vivenciados com os professores.

Neste período, para que haja um aprendizado de excelência, deve haver vínculo afetivo entre professor-aluno, para que assim aconteça uma transferência de saberes. Deste modo, os pais possuem um papel preponderante em auxiliar os seus filhos a se adequarem a essa nova realidade social escolar. Com isso, “as definições ou o aprendizado da realidade, notadamente a social, eram derivados adaptativos do saber e do querer parentais” (Rappaport, 1982, p. 05)⁵.

Para Áriés (2006)³, o termo educação tem o caráter de desenvolvimento do intelecto e do físico. Com isso, o aspecto biológico, sendo de suma importância, ganha destaque nas questões motriz, principalmente quando se fala em dominância lateral, e esquema corporal sendo “O progressivo controle prático do corpo é um dado fundamental, ao nível da maturação biológica, para que a

criança se instrumente na progressiva saída de casa para a socialização e as conquistas externas” (Rappaport, 1982, p. 05)⁵.

O termo psicomotricidade segundo Levin (1995)⁶, surgiu no século XIX, quando os médicos, mais precisamente os neurologistas, foram estudar e descrever os lugares do córtex cerebral que fazem conexão com as extensões motora.

Levin (1995)⁶, acentua que foi com Dupré, que a psicomotricidade ganhou destaque. O termo significa a união entre movimento e pensamento. Ao estudar o desequilíbrio motor encontrou uma relação entre as anomalias psicológicas e anomalias motrizes, a sincinesia, paratonias e inabilidade. Isso rompe com o pensamento existente até então, de que as incapacidades eram de carácter de agravos neurológicos e extrapiramidal. Dupré argumentava que não é porque o indivíduo tem dificuldade de realizar movimentos que ele seja idiota, ou seja, não existe uma relação entre ambos, ou seja, entre capacidade de movimento e pensamento.

Desde então, os estudos sobre a psicomotricidade foram se aprofundando. Mastrascusa (2012)⁷, frisa que essa abordagem é de suma importância, pois a partir dela é possível estudar e promover a estimulação dos movimentos corporais para o desenvolvimento de habilidades motoras, como fala, escrita, etc. Caso uma criança apresente uma dificuldade ou qualquer problema no desenvolvimento motor, poderá ser realizada uma reeducação, e se for o caso emocional, uma psicoterapia. Assim, o estudo da psicomotricidade foi se ampliando no decorrer do tempo com diversos teóricos. Portanto

Na escola, então se começa a perceber que as dificuldades das crianças ao se materializarem no plano cognitivo, eram, em realidade, de origem mais profunda, ligadas a transtornos da subjetividade, a dificuldades psicoafetivas, a problemas de comunicação e a conflitos inconscientes relacionados frequentemente as imagens parentais, vivenciadas na primeira infância (Mastrascusa, 2012, p. 47)⁷.

Com isso, Mastrascusa (2012)⁷, ressalta que a psicomotricidade relacional se destaca porque foram acrescentados métodos psicanalíticos concentrado nas relações afetivas e conteúdos psíquicos. Nessas vão surgir os conteúdos simbólicos que às vezes não serão verbalizados oralmente, porquanto a criança tem muita dificuldade de expressar sentimentos, ela vai projetar nos objetos e nas relações com o outro seus sentimentos e emoções. Com a ajuda do psicomotricista, que observam a crianças e as deixam naturalmente livres para que elas vivenciem seus conflitos inconscientes, que foram reprimidos, pertinente às vivências originais de suas histórias da primeira infância.

O objetivo é que a criança projete para fora esses conflitos através dos jogos espontâneos. Mastrascusa (2012)⁷, marca que o professor entra efetivamente de forma despreendida nas participações das brincadeiras,

ajudando, trabalhando as dificuldades de aprendizagem e das relações. A relação é aberta, e despretensiosa, com toques corporais, onde o a criança vivencie o mundo manuseando objetos com o outro, descobrindo a si.

A psicomotricidade relacional tem como objetivo educacional o desenvolvimento absoluto do indivíduo de uma forma completa para desempenhar sua autonomia. “Destaca-se como atuação nas áreas psicoafetivas, psicomotoras, cognitiva e da Espiritualidade visão global do ser” (Mastrascusa, 2012, p. 48)⁷.

O princípio da base psicoafetiva está relacionado a um bom vínculo transferencial professor aluno, para que deste modo, possa nessa relação com a criança ser dado total apoio emocional para que este indivíduo atue por si mesmo de modo independente. No processo de análise, durante a sessão serão analisadas as vivenciadas reproduzidas de conteúdos inconscientes que se manifestarem na fala verbal e não verbal da criança Mastrascusa (2012)⁷.

A psicomotricidade relacional tem o conceito de um homem não dividido, mas integrado. Mastrascusa (2012)⁷ traz em consideração os aspectos psicomotores, do qual, através dos deslocamentos e ação para manter equilíbrio e tonicidade, noção corporal, lateralidade, e etc, passa assim, no meio externo, junto com os conteúdos simbólicos, imaginário, fantasiado no aparelho psíquico, possibilite a criatividade e principalmente a capacitação da aquisição de novos talentos.

No que se refere ao cognitivo, Mastrascusa (2012)⁷, ressalta os conteúdos da inteligência, para que o sujeito venha desenvolver autonomia, e com isso possa expressar as suas ideias de modo coerente com o real. Assim, será capaz de resistir e triunfar sobre as dificuldades que causam aflições, de maneira dinâmica por meio do brincar. Por fim, será possível que aconteça na transferência, a transmissão de toda informação necessária para que a criança chegue à autossuficiência.

No que tange à espiritualidade, o autor aborda a capacidade de desenvolvimento dos valores que regem a humanidade, principalmente em consideração a igualdade e afetividade a diversos indivíduos, no qual se fundamenta o respeito e empatia ao diferente, mantendo uma dinâmica de respeito e apoio por ambos.

Na atualidade, a psicologia tem enxergado o homem na sua totalidade, ou seja, o indivíduo biopsicossocial. Deste modo, esta visão vem sendo de suma importância para o desenvolvimento do QI do indivíduo.

Sob este prisma, devem ser levados em consideração os aspectos psicológicos, pois estes se desenvolvem à medida que o corpo vai ganhando postura e tonicidade em relação ao aperfeiçoamento dos movimentos. Nessa dinâmica do indivíduo com ambiente externo e social, é de suma importância para que o sujeito se aproprie do saber científico, e assim possa se tornar sujeito mediado pelo outro e, deste modo, dar continuidade à raça humana, repassando referencialmente o conhecimento científico adquirido.

4. DISCUSSÃO

Por meio desta análise pode-se verificar que a escola não pode ser a única responsável pela educação do aluno. Os pais são responsáveis legais e morais pela educação de seus filhos, e a educação escolar não os excluem desta responsabilidade. Atualmente, a criança, é vista como um sujeito portador de necessidades indispensáveis para seu desenvolvimento nos aspectos físico, cognitivo, psicomotor e afetivo-social.

Com isso, este trabalho teve como objetivo identificar como os pais, na contemporaneidade, tem realizado o acompanhamento escolar de seus filhos que cursam o ensino fundamental. Pois o aprendizado da leitura e escrita começa anteriormente, antes mesmo da criança adentrar no mundo da escola. Sendo assim, a participação da família na vida escolar é essencial no processo educacional dos seus filhos. Assim, as duas instituições (família-escola) complementam uma a outra.

No entanto, após anos de discussão e investigação, o governo em 1990 cria por preceito, a constituição do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA)⁸, que é constituído por leis que garantem os direitos e proteção da criança. Deste modo, funções que cabiam aos pais passaram ser de responsabilidade da família, estado e sociedade, a fim de garantir que os direitos fundamentais de desenvolvimento da criança e do adolescente sejam seguidos.

5. CONCLUSÃO

Nesta reflexão teórica ficou evidenciado que cientista e demais profissionais que atuam na área da instituição acadêmica, legitimam a relevância das familiaridades que constituem o convívio entre pais e escola, e as vantagens de uma boa formação dentro desses dois conjuntos para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social dos educandos.

Deste modo, para que os objetivos de desenvolvimento sejam atingidos, Tiba (2002), pontua que se a união entre família e escola for completa, desde o começo do desenvolvimento da infância, todos terão muito a se beneficiar. A criança que for satisfatoriamente bem atendida tende a ter um melhor desenvolvimento, no entanto, aquela que apresentar alguma carência, terá que receber maior auxílio tanto da instituição escolar como dos pais, para que assim, juntos, solucionem o problema.

Na atualidade, as funções que cabiam aos pais, que são responsáveis legais e morais pela educação de seus filhos passaram a ser também de responsabilidade do governo.

Pois, o governo pressionado pela ONU, Organizações das Nações Unidas, passa a criar novas leis civis para que as crianças possam ter seus direitos preservados e garantir seu amplo desenvolvimento. Com isso, em 13 de junho 1990, o governo sancionou o ECA (Estatuto da

Criança e do Adolescente), através da Lei número 8069, que é composto por diretrizes e regulamentado pelo judiciário brasileiro. Este documento tem por finalidade promover a proteção integral da criança e do adolescente, sendo de fundamental relevância o seu Artigo 4^a.

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, a alimentação, a educação, ao esporte, ao lazer à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990)⁸.

Deste modo, passa a ser de responsabilidade dos pais, da escola, do município, do estado e do governo federal a proteção e o desenvolvimento integral da criança e do adolescente, e assim, devem trabalhar em conjunto para o desenvolvimento pleno da criança.

REFERÊNCIAS

- [1] Maimoni EH, Bortone ME. Colaboração família-escola em um procedimento de leitura para alunos de séries iniciais. *Psicologia escolar e educacional*, Campinas. 2001; 5(1).
- [2] Tiba I. *Quem ama educa*. São Paulo: Gente. 2002.
- [3] Ariés P. *História Social da Criança e da Família*. 2 Ed. Rio de Janeiro. 2006.
- [4] Rappaport CR. *Psicologia do Desenvolvimento*. Vol. 1 São Paulo: Editora EPU. 1982.
- [5] Rappaport CR. *Psicologia do Desenvolvimento*. Vol. 4 São Paulo: Editora EPU. 1982.
- [6] Levin E. *A clínica psicomotora: o corpo na linguagem*. 3. Ed. Tradução de Julieta Jerusalinsky. Pretrópolis, RJ: Vozes. 1995.
- [7] Mastrascusa CL. *O Verbal e o não verbal na sala de aula: A linguagem do corpo e suas expressões- contribuições da psicomotricidade relacional e da psicanalise na educação*. Tese de (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul Educação, Porto Alegre, BR-RS. 2012.
- [8] Brasil. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. ECA _ Estatuto da Criança e do Adolescente.

